Marcação nominal de gênero no português,
segundo Zanotto

Luiz Arthur Pagani

- gênero $\neq$ sexo:

O gênero significa bem mais que simples distinção de sexos. Para começar, o gênero é uma classificação obrigatória para todos os substantivos, que são ou masculinos ou femininos, apesar de incontáveis substantivos designarem seres assexuados, os quais sequer pertencem ao reino animal. [1, p. 58]

- só masculino, só feminino ou biformes:

todos os substantivos têm gênero. Nem todos, porém, apresentam flexão. Alguns são invariáveis, só masculinos (“poeta”, “caderno”, “pente”); outros se apresentam sempre femininos (“pedra”, “ponte”, “tribo”); e outros ainda são variáveis quanto a gênero, biformes (“pato, pata” — “peru, perua” — “bode, cabra”). [1, ps. 60–61]

- feminino com acréscimo de -a:

A flexão do gênero processa-se basicamente por meio de morfema aditivo sufixal, uma vez que se faz pelo acréscimo ao radical da desinência do gênero feminino “-a”. Os nomes masculinos são formas não marcadas, do que resulta uma oposição privativa. O “-a” átono final dos nomes só é marca de feminino quando se opõe à forma masculina correspondente sem essa marca (“pato–pata”). Nos demais casos equivale à vogal temática, da mesma forma que “-e” e “-o” átonos finais [1, p. 62]

Esquema 1. R + DG:

radical, mais desinência de gênero
(ocorre com nomes atemáticos).

Exemplos:

cantor	—	cantor-a
juiz	—	juiz-a
freguês	—	fregues-a
zagal	—	zagal-a
peru	—	peru-a
espanhol	—	espanhol-a

[1, ps. 62–63]

Esquema 2. R - VT + DG:

radical, menos vogal temática,
mais desinência de gênero.

Ocorre com os nomes temáticos.

Exemplos:

pat-o	—	pat-a	noss-o	—	noss-a
gat-o	—	gat-a	formos-o	—	formos-a
alun-o	—	alun-a	est-e	—	est-a
mestr-e	—	mestr-a	el-e	—	el-a

[1, p. 63]

Esquema 3. R - VT + alternância /ê/ → /é/
+ ditongação /é/ → /éy/ + DG:

radical, menos vogal temática, mais a alternância vocálica submorfêmica, que é a passagem de /ê/ do radical para /é/, mais ditongação pelo acréscimo da semivogal /y/ de acordo com a Regra Morfofonêmica Três (“alargamento”), mais o acréscimo da desinência de gênero.

Exemplos:

europ <u>e</u> -	→	europê-	→	europé-	→	europé-	→	europé <u>ia</u>
galile <u>-u</u>		— galilé-a				pigme <u>-u</u>		— pigméi-a
plebe <u>-u</u>		— plebéi-a				calde <u>-u</u>		— caldéi-a
ate <u>-u</u>		— atéi-a				filiste <u>-u</u>		— filiestéi-a

[1, p. 64]

Esquema 4. R - VT + Alternância /ê/ — /i/ + DG:

radical, menos vogal temática, mais troca da vogal do radical /ê/ pela vogal /i/, mais a desinência de gênero feminino.

Exemplos:

jude-u — judi-a

sande-u — sandi-a

[1, p. 64]

Esquema 5. R - VT + alternância /é/ ou /a/ → /ô/
+ DG:

radical, menos vogal temática, substituição da vogal do radical /é/ ou /a/ pela vogal /ô/ e acréscimo da desinência do feminino.

Exemplos:

ilhé-u — ilho-a

tabaré-u — tabaro-a

capia-u — capio-a

[1, p. 65]

Esquema 6. R - VT + consoante nasal
+ desnazalização + DG

radical, queda da vogal temática, acréscimo de consoante nasal linguodental pré-vocálica /n/, mais a perda da nasalidade do “-a” do radical e o acréscimo da desinência de gênero feminino.

Exemplos:

soltierã-o — solteiron-a

valentã-o — valenton-a

chorã-o — choron-a

[1, p. 65]

- Seguindo estritamente o esquema 6, o que teríamos na verdade seria: solteirã-o → solteirã- → solteirã- → solteiran- [essa desnazalização é equivocada] → solteiran-a!
- Uma alternativa seria dizer que não é a vogal temática que cai, mas sim o /ã/ do radical; mas isso nos afastaria do padrão regular da queda da vogal temática.
- Outra alternativa seria dizer que, depois da queda da vogal temática, o /ã/ do radical é substituído por /o/; mas essa não parece ter correspondente em outros fenômenos nem na fonologia nem na morfologia do português.

- leão—leoa:

Alguns nomes em “-ão” fazem feminino de acordo com o esquema 6, mas com o acréscimo da desnazalização. É o caso de:

leã-o — leo-a

hortelã-o — hortelo-a

ermitã-o — ermito-a

[1, p. 65]

- A diferença aqui, em relação ao esquema 6, é que não há acréscimo da consoante nasal.
- Mas isso não significa que temos um esquema diferente?

Esquema 7. R - VT + SD:

radical, menos vogal temática, mais sufixo derivacional
(indicativo de sexo-gênero).

Exemplos:

gal-o	— gal-inha	poet-a	— port-isa
pap-a	— pap-isa	profet-a	— profet-isa
cond-e	— cond-essa	duqu-e	— duqu-esa
diacon-o	— diacon-isa	heó-i	— hero-ína

[1, ps. 65–66]

Esquema 8. R + SD:

radical, mais sufixo derivacional (com nomes atemáticos).

Exemplos:

consul — consul-esa

czar — czar-ina

prior — prior-esa

jogral — jogral-esa

senegal — senegal-esa

[1, p. 66]

Esquema 9. R - SD + SD:

radical, troca de um sufixo derivacional por outro.

Exemplos:

at-or	—	at-riz
imper(a)-dor	—	imper(a)-triz
embaix(a)-dor	—	embaix(a)-triz

[1, p. 66]

Esquema 10. R - VT:

radical, menos vogal temática.

É o morfema subtrativo. Há poucos exemplos:

ré-u — ré

ma-u — má

irmã-o — irmã

[1, p. 66]

Referências

- [1] Normelio Zanotto. *Estrutura Mórfica da Língua Portuguesa*. EDUCS, Caxias do Sul, 1986.